

ANTO
LOGIA
DE
AUTO
RES
DA
CPLP

MAIO 2017

Coordenação do Ensino
Português no Reino Unido
e Ilhas do Canal
Ministério dos Negócios Estrangeiros

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

No sexto ano de comemoração do Dia da Língua e da Cultura Portuguesas, oferecemos o sexto volume da Antologia de Autores da CPLP.

Os textos aqui apresentados são os lidos pelos alunos da rede de ensino Português no Reino Unido e Ilhas do Canal, pela celebração do dia 5 de maio, em Londres. São poemas de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, S. Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Com este evento, festejamos anualmente a diversidade vividas nas nossas aulas de Português, contentes por participarmos nesta sociedade multicultural que é a britânica. Com as famílias e a comunidade, juntamo-nos para ouvir ler poesia e para ouvir música, um presente das nossas crianças e jovens neste dia de festa.

Juntos somos muitos, orgulhosos de falarmos uma língua viajada e vivida em todo o mundo.

Londres, 6 de maio de 2017

Regina dos Santos Duarte

Coordenadora do Ensino Português no Reino Unido e Ilhas do Canal

Instituto Camões – Embaixada de Portugal em Londres



ÍNDICE

I - POESIA

Angola

Adorno, Ana Paula Tavares

Brasil

O menino azul, Cecília Meireles
A Galinha d'Angola, Vinicius Moraes
As Borboletas, Vinicius de Moraes
O Sol, João de Deus Souto Filho
Canção da Garoa, Mário Quintana
A estrela, Manuel Bandeira
A Aranha Bailarina, Rosa Clement
Segredos, Eloí Elizabet Bocheco
Poeminho do Contra, Mário Quintana
Meus brinquedos, Clarisse Pacheco
A bailarina, Cecília Meireles
Vamos adivinhar animais, Soledade Martinho Costa
As meninas, Cecília Meireles
Diante da porta da vida morta, Alcenor Candeira Filho
Lá vêm as férias, Ruth Rocha
O livro, Rosa Clement
Receita de Ano Novo, Carlos Drummond de Andrade

Cabo Verde

Para o céu, Eugénio Tavares

Guiné Bissau

Regresso, Amílcar Cabral

Moçambique

Bela adormecida, Nair Damasceno
Mudança de idade, Mia Couto

Portugal

História do Sr. Max, Matilde Rosa Araújo
Fatalidade, Sidónio Muralha
Susto, Sidónio Muralha
Tudo ao contrário, Luísa Ducla Soares
A noite, Luísa Ducla Soares
Abecedário maluco, Luísa Ducla Soares
Música, Luísa Ducla Soares

Jasmim, Rosa Lobato de Faria
Ler, Lourdes Custódio
A de Afonso Henriques, Catarina Florindo
Perguntei ao pai, à mãe..., Carlos Nuno Granja
Tango de pernas para o ar, Manuel António Pina
Brincar com as palavras, Luísa Ducla Soares
A cor que se tem, Maria Cândida Mendonça
Quando eu partir, Ruy Cinatti
O sorriso que perdi, Celeste Cortez
O tempo, Rosa Lobato de Faria
No comboio descendente, Fernando Pessoa
Eu Bem Vi Nascer o Sol, Alice Vieira
As pequenas palavras, Rosa Lobato de Faria
Lembrando Inês, Nuno Júdice
Uma perfeição de cão, Maria Cândida Mendonça
Sozinho, Joel Daniel Gomes Barros
Faz de Conta, Eugénio de Andrade
Ser poeta, Florbela Espanca
Autopsicografia, Fernando Pessoa
Noções de Linguística, Jorge de Sena
O Ecumenismo Lusitano ou a Dupla Nacionalidade, Jorge de Sena
Escada sem corrimão, David Mourão-Ferreira
Carta à minha filha, Ana Luísa Amaral
Poema do Amigo Aprendiz
Carta a Meus Filhos sobre os Fuzilamentos de Goya (excerto), Jorge de Sena
O mar dos meus olhos, Sophia de Mello Breyner Andresen
No entardecer dos dias de verão, Alberto Caeiro
Canção de embalar bonequinhas pobres, Matilde Rosa Araújo
O amor, quando se revela, Fernando Pessoa

São Tomé e Príncipe

A Lenda da Bruxa, Conceição Lima

Timor Leste

Meninos e meninas, Fernando Sylvain

II - MÚSICA

Ensemble da Luso Academy





ANGOLA

Adorno

Toda a noite chorei na casa velha
Provei, da terra, as veias finas.
Um nome um nome a causa das coisas
Eu terra eu árvore eu sinto
todas as veias da terra
em mim e
o doce silêncio da noite.

Ana Paula Tavares



BRASIL

O Menino Azul

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores,
— de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho
que saiba inventar histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo
que é como um jardim
apenas mais largo
e talvez mais comprido
e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,
pode escrever
para a Ruas das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não sabe ler.)

Cecília Meireles



BRASIL

A Galinha d' Angola

Coitada, coitadinha

Da galinha-d'Angola

Não anda ultimamente

Regulando da bola

Ela vende confusão

E compra briga

Gosta muito de fofoca

E adora intriga

Fala tanto

Que parece que engoliu uma
matraca

E vive reclamando

Que está fraca

Tou fraca! Tou fraca!

Tou fraca! Tou fraca! Tou fraca!

Coitada, coitadinha

Da galinha-d'Angola

Não anda ultimamente

Regulando da bola

Come tanto

Até ter dor de barriga

Ela é uma bagunceira

De uma figa

Quando choca, cocoroca

Come milho e come caca

E vive reclamando

Que está fraca

Tou fraca! Tou fraca! Tou fraca!

Vinicius de Moraes



BRASIL

As borboletas

Branças,
Azuis,
Amarelas,
E pretas
Brincam
Na luz,
As belas
Borboletas.
Borboletas brancas
São alegres e francas.
Borboletas azuis
Gostam de muita luz.
As amarelinhas
São tão bonitinhas!
E as pretas, então
Oh, que escuridão!

Vinicius de Moraes



BRASIL

O sol

Tenho um Sol só meu
Feito de sonho e magia,
De cor amarela
E jeito engraçado:
- Quando é dia
Ele sorri e me espia.
- Quando é noite
Ele dorme e se esfria.

João de Deus Souto Filho



BRASIL

Canção da Garoa

Em cima do meu telhado,
Pirulin lulin lulin,
Um anjo, todo molhado,
Soluça no seu flautim.

O relógio vai bater;
As molas rangem sem fim.
O retrato na parede
Fica olhando para mim.

E chove sem saber por quê...
E tudo foi sempre assim!
Parece que vou sofrer:
Pirulin lulin lulin...

* Chuvisco, chuva miudinha (Brasil).

Mário Quintana



BRASIL

A estrela

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
Para a minha companhia
Não baixava aquela estrela?
Por que tão alto luzia?

E ouvi-a na sombra funda
Responder que assim fazia
Para dar uma esperança
Mais triste ao fim do meu dia.

Manuel Bandeira



BRASIL

A aranha bailarina

Sempre atenta, a aranha dança,
mostra as pernas no salão
e causa em sua plateia
uma grande sensação.

Ela corre para um lado,
rodopia num sapato,
sobe por cima da mesa
e dança dentro do prato.

Desliza pela toalha,
desce e sobe por um fio.
Sua coreografia
Causa o maior arrepio.

A sua capa de seda
se abre e flutua no ar
porque ela salta tão alto,
parece que vai voar.

Ouve-se só gritaria
quando a música termina,
pois todos querem saudar
a mais nova bailarina.

Rosa Clement



BRASIL

Segredos

Rosalina tem
segredos de
várias cores.

O segredo verde
ela conta só no
ouvido do beija-flor.

O segredo lilás
ela prende no cabelo
e vai passear com a
Gata Lina numa caverna
quase de verdade.

O segredo transparente
ela põe pra tingir no
sol de setembro.

O segredo azul
ela conta só pra mim,
que não conto
pra ninguém.

Quem sabe,
no ano que vem...

Eloí Elizabet Bocheco



BRASIL

Poeminha do Contra

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

Mário Quintana



BRASIL

Meus brinquedos

De repente
Ao lembrar dos brinquedos queridos
Que ficaram esquecidos
Dentro do armário
Me bate uma saudade
Me bate uma vontade
De voltar no tempo
De voltar ao passado
Mas nada acontece
Nada parece acontecer
E eu choro
Choro como o bebê que fui
E a criança que quero voltar a ser
Não quero crescer!

Clarice Pacheco



BRASIL

A bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.
Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
Mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.

Cecília Meireles



BRASIL

Vamos adivinhar animais

Porque gosta de imitar
o que ao homem vê fazer,
aprendeu a patinar,
bate as palmas, finge ler.

Por amendoim é guloso,
por bananas lambareiro,
mas sensato e cuidadoso
tira-lhe as cascas primeiro.

É exímio trapezista,
faz alpinismo também,
acrobata, equilibrista
e cata as pulgas que tem

Com muito jeito e com tino,
se alguém lhe dá um tostão,
vai logo tocar o sino
como faz o sacristão.

Há quem lhe chame pançudo,
orelhudo e coisas mais.
cá para mim é um trombudo
que só come vegetais.

Estimado no mundo inteiro
mesmo dócil e calado,
transforma a tromba em chuveiro
quando está arreliado!

Soledade Martinho Costa



BRASIL

As meninas

Arabela
abria a janela.

Carolina
erguia a cortina.

E Maria
olhava e sorria:
"Bom dia!"

Arabela
foi sempre a mais bela.

Carolina
a mais sábia menina.

E Maria
Apenas sorria:
"Bom dia!"

Pensaremos em cada menina
que vivia naquela janela;
uma que se chamava Arabela,
outra que se chamou Carolina.

Mas a nossa profunda saudade
é Maria, Maria, Maria,
que dizia com voz de amizade:
"Bom dia!"

Cecília Meireles



BRASIL

Diante da porta da vida morta

Diante da porta
da vida morta,
devo sorrir
ou devo chorar?

Há deste lado
belas estrelas
que um dia talvez
possa alcançar.
Belas estrelas,
mas que me assombram
e fazem mal
ao meu olhar.
Por trás da porta
da vida morta,
em meio a um branco
transcendental,
o que haverá?
o que haverá?

Belas estrelas
dos meus assombros,
por gentileza
dizei-me vós:
diante da porta
da vida morta
devo sorrir
ou devo chorar?

Alcenor Candeira Filho



BRASIL

Lá vêm as férias

Lá vêm as férias

Chegaram as férias,

que bom que vai ser!

Eu vou passear, pular e correr!

Eu vou dormir tarde,

Vou brincar lá fora...

Ver televisão

Até fora de hora

Vou ler o que eu quero,

De noite e de dia...

Brincar com o cachorro,

Ou fazer folia!

Com todos amigos

Vou ficar de bem,

Só volto

No ano que vem!

Ruth Rocha



BRASIL

O livro

Eu sou um livro,
sou importante.
Tenho um trabalho
emocionante

É com palavras
que me sustento
e nelas levo
conhecimento.

Se alguém procura
o que fazer,
sou opção
de bom lazer.

Eu posso ser
muito engraçado,
deixar você
bem humorado.

Eu posso ser
seu professor
e lhe ensinar
com todo amor.

Eu posso ainda
ser seu amigo,
levar você
sempre comigo.

Eu só não posso
fazer careta
se me abandonam
numa gaveta.

Rosa Clement



BRASIL

Receita de Ano Novo

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo
o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo,
remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo
até no coração das coisas menos
percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito
nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou
qualquer outra biritá,
não precisa expedir nem receber
mensagens
(planta recebe mensagens?
passa telegramas?)

Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.
Não precisa chorar arrependido
pelas besteiras consumadas
nem parvamente acreditar
que por decreto de esperança
a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,

justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão
matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.

Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é
fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre.

Carlos Drummond de Andrade



CABO VERDE

Para o Céu

Para o Céu, ai para o Céu,
Sob o espírito quem em Cristo renasceu:
E o Cristão, no eterno lar,
Nem depois da morte deixa de cantar.

Para a frente, ai, para a frente,
Marcha sempre o bom soldado de Jesus:
Leva na alma a fé ardente,
E na mão como uma espada hasteia a cruz.

Para Deus, ai, Para Deus,
Corram todos a abraçar-se a salvação:
Rompa o Sol os negros véus
Que mergulham na tristeza o coração

Alegria, oh alegria
Dá-nos crença, dá-nos fé e dá-nos luz.
Seja hoje o grande dia
De confiarmos nossas almas a Jesus.

Do teu trono, ai do Teu trono,
Sorri e brilha como um príncipe moreno:
Glorifica o Nazareno,
Sol risonho, Sol, desperta do Teu sono.

Eugénio Tavares



GUINÉ BISSAU

Regresso

Mamãe Velha, venha ouvir comigo
o bater da chuva lá no seu portão.
É um bater de amigo
que vibra dentro do meu coração.

A chuva amiga, Mamãe Velha, a chuva,
que há tanto tempo não batia assim...
Ouvi dizer que a Cidade-Velha,
— a ilha toda —
Em poucos dias já virou jardim...
Dizem que o campo se cobriu de verde,
da cor mais bela, porque é a cor da esperança.
Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde.
— É a tempestade que virou bonança...

Venha comigo, Mamãe Velha, venha,
recobre a força e chegue-se ao portão.
A chuva amiga já falou mantenha
e bate dentro do meu coração!

Amílcar Cabral



MOÇAMBIQUE

Bela Adormecida

O tempo passou e eu não vi
Acho que adormeci como a Bela Adormecida
E lá se foi a vida...
Onde estão meus filhos e netos?
E as pessoas que amei?
Simplesmente não sei...
O que foi feito das noites mal dormidas?
Perdidas...
Dos sonhos, da poesia,
Da inspiração,
Do desejo,
Do peito a transbordar de emoção?
Deus meu,
Até parece
Que nada aconteceu!
Despertei e estava só,
Só eu,
Ninguém em minha volta,
Envelhecida
E lá se foi a vida...

Nair Damasceno



MOÇAMBIQUE

Mudança de idade

Para explicar
os excessos do meu irmão
a minha mãe dizia:
está na mudança de idade.
Na altura,
eu não tinha idade nenhuma
e o tempo era todo meu.
Despontavam borbulhas
no rosto do meu irmão,
eu morria de inveja
enquanto me perguntava:
em que idade a idade muda?
Que vida,
escondida de mim, vivia ele?
Em que adiantada estação
o tempo lhe vinha comer à mão?
Na espera de recompensa,
eu à lua pedia uma outra idade.
Respondiam-me batuques
mas vinham de longe,
de onde já não chega o luar.
Antes de dormirmos
a mãe vinha esticar os lençóis
que era um modo
de beijar o nosso sono.
Meu anjo, não durmas triste,
pedia.
E eu não sabia
se era comigo que ela falava.
A tristeza, dizia,
é uma doença envergonhada.
Não aprendas a gostar dessa
doença.

As suas palavras
soavam mais longe
que os tambores noturnos.
O que invejas, falava a mãe, não é a idade.
É a vida
para além do sonho.
Idades mudaram-me,
calaram-se tambores,
na lua se anichou a materna voz.
E eu já nada reclamo.
Agora sei:
apenas o amor nos rouba o tempo.
E ainda hoje
estico os lençóis
antes de adormecer.

Mia Couto



PORTUGAL

História do Sr. Mar

Deixa contar...

Era uma vez

O senhor Mar

Com uma onda...

Com muita onda...

E depois?

E depois...

Ondinha vai...

Ondinha vem...

Ondinha vai...

Ondinha vem...

E depois...

A menina adormeceu

Nos braços da sua Mãe...

Matilde Rosa Araújo



PORTUGAL

Fatalidade

Eu conheci um peru
nascido no Peru
num dia
de sol
que dizia
glu-glu
com um sotaque espanhol.
É de criticar
ouvir castanholas
e pensar
pensar
em caçarolas.
Tudo acontece
um dia
mas se não houvesse
Natais
haveria
perus a mais.

Sidónio Muralha



PORTUGAL

Susto

Um hipopótamo turista

- é estranho mas é verdade –

saiu da selva e foi ao dentista

no centro da cidade.

A rececionista ficou louca

fugiu toda a clientela,

e quando o bicho abriu a boca

o dentista saltou pela janela.

Sidónio Muralha



PORTUGAL

Tudo ao contrário

O menino do contra
queria tudo ao contrário:
deitava os fatos na cama
e dormia no armário.

Das cascas dos ovos
fazia uma omelete;
para tomar banho
usava a retrete.

Andava, corria
de pernas para o ar;
se estava contente
punha-se a chorar.

Molhava-se ao sol,
secava na chuva
e em cada pé
usava uma luva.

Escrevia no lápis
com um papel;
achava salgado
o sabor do mel.

No dia dos anos
teve dois presentes:
um pente com velas
e um bolo com dentes.

Luísa Ducla Soares



PORTUGAL

A noite

Filho,

Meu filho,

Vem-te deitar.

Já sobre o mar

O sol se deitou.

Mãe,

E a lua

Se levantou.

Se tenho mãos

É para mexer,

Nunca mais quero

Adormecer.

Filho,

Meu filho,

Vem-te deitar.

Já sobre o mar

O sol se deitou.

Mãe,

E a lua

Se levantou.

Se tenho pés

É para correr,

Nunca mais quero

Adormecer.

Filho,

Meu filho,

Vem-te deitar.

Já sobre o mar

O sol se deitou.

Mãe,

E a lua

Se levantou.

Se tenho olhos

É para ver,

Nunca mais quero

Adormecer.

Pôs-se a contar

Estrelas no céu;

Chegou a vinte,

Adormeceu.

Luísa Ducla Soares



PORTUGAL

O abecedário maluco

A é o António que faz coisas do demónio
B é o Bernardo picou o rabo num cardo
C é a Catarina a fugir de uma vaca
D é a Diana com o sapato se abana
E é a Elisa sai à rua sem camisa
F é o Filipe para faltar diz que tem gripe
G é a Gabriela que se julga muito bela.
H é o Hugo mais gordo que um texugo
I é a Isabel tem mais borbulhas que pele
J é o João a beber do garrafão
L é a Leonor namora com o computador
M é o Mário guarda os livros no aquário
N é a Natália quando chove usa sandália
O é a Olívia lava as unhas com lixívia
P é a Paulina põe creme de margarina
Q é o Quim nas aulas come pudim
R é o Ricardo morde como um Leopardo
S é a Susana a cavalo numa cana
T é o Tomás só de mentir é capaz
U é o Urbino come as cascas do pepino
V é a Vanda caiu na jaula do panda
X é a Xana tropeçou numa banana
Z é o Zeca plantou relva na careca

Luísa Ducla Soares



PORTUGAL

Música

Paulina toca piano
e Virgílio, violino.
Toca Tomás o tambor
e o sacristão toca o sino.

Eu toco à porta da rua,
para irritar a vizinha,
quarenta vezes seguidas
o botão da campainha.

Luísa Ducla Soares



PORTUGAL

Jasmim

Jasmim! Jasmim! Jasmim!
Queres morar no meu jardim?
Diz que sim! Diz que sim!
Queres que te leve o tufão?
Diz que não! Diz que não!
Queres que te colha a Inês?
Diz talvez! Diz talvez!

Jasmim! Jasmim! Jasmim!
Tens pétalas de cetim?
És branquinho e não carmim?
Tens aromas só para mim?

- Sim!

Rosa Lobato de Faria

PORTUGAL

Ler

É sonhar acordado

É viajar sem sair do mesmo lugar..

É ver

É crescer

É amar

E ser amado.

Quem lê está sempre acompanhado.

Lourdes Custódio



PORTUGAL

A de Afonso Henriques

Dom Afonso governava,
Em tempos que já lá vão,
Um grandioso condado
Que era do rei de Leão.

Mas queria realizar
Uma façanha eminente:
Transformar o território
Num domínio independente.

Então combateu exércitos
De uma força colossal
E vencendo deu origem
Ao reino de Portugal.

Catarina Florindo



PORTUGAL

Perguntei ao pai, à mãe

Perguntei aos avós e aos tios também

Aos primos, aos familiares,

Aos professores na escola,

A todos os auxiliares...

Perguntei ao polícia, ao bombeiro,

Ao ministro que é o primeiro

E também ao carpinteiro

Perguntei ao médico, à enfermeira

E à senhora cabeleireira

Perguntei ao varredor, ao dentista

E à costureira

Perguntei ao presidente

Disse que lhe doía o dente

Se o presidente não sabe

Ninguém pode responder

Se os adultos é que mandam

E o mundo é tão complicado,

Porque acham os adultos

Que as crianças não tomam conta do recado?

Fiquei assim sem resposta,

Não querendo mais saber,

Fui para o meu quarto

E pus-me a ler.

Carlos Nuno Granja



PORTUGAL

Tango de pernas para o ar

Pensar de pernas para o ar
é uma grande maneira de pensar
com toda a gente a pensar como toda a gente
ninguém pensava nada diferente.

Que bom que é pensar em outras coisas
e olhar as coisas de outra posição
As coisas sérias que cómicas são
com o céu para baixo e para cima o chão

Tanta coisa certa está errada
Tanta coisa direita ao invés
Que vontade de andar à cabeçada
Que vontade de pensar aos pontapés

Manuel António Pina



PORTUGAL

Brincar com as palavras

As palavras também brincam
fazem cada coisa louca
saltam na ponta da língua
são estrelas no céu da boca.

Dão pontapés no ditado
mas ditam cartas de amor
contam histórias de fadas
jogam no computador

Às vezes fingem que dormem
apenas para enganar
se ficam presas nos livros
desejosas de falar.

Não tem asas mas voam
e sobem como um balão
quando pela nossa voz
se transformam numa canção.

Toca piano, toca a cantar
com as palavras nós vamos voar.

Luísa Ducla Soares



PORTUGAL

A cor que se tem

Quando for crescida
hei de inventar
um perfume de encantar.

Quem o cheirar
há de ficar
com a cor de pele
que mais gostar.

Branco ou amarelo
se preferir
preto ou vermelho
é só decidir.

Para alegrar
até estou a pensar
outras cores acrescentar.

Cor-de-rosa
verde ou lilás
são cores bonitas
e tanto feliz.

E assim
há de chegar
o dia de acreditar
que o valor
de alguém
não se pode avaliar
pela cor
que tem.

E então
tudo estará bem.

Maria Cândida Mendonça



PORTUGAL

Quando eu partir

Quando eu partir, quando eu partir de novo
A alma e o corpo unidos,
Num último e derradeiro esforço de criação;
Quando eu partir..
Como se um outro ser nascesse
De uma crisálida prestes a morrer sobre um muro estéril,
E sem que o milagre se abra-se
As janelas da vida. . .
Então pertencer-me-ei.
Na minha solidão, as minhas lágrimas
Hão de ter o gosto dos horizontes sonhados na adolescência,
E eu serei o senhor da minha própria liberdade.
Nada ficará no lugar que eu ocupei.
O último adeus virá daquelas mãos abertas
Que não de abençoar um mundo renegado
No silêncio de uma noite em que um navio
Me levará para sempre.
Mas ali
Hei de habitar no coração de certos que me amaram;
Ali hei de ser eu como eles próprios me sonharam;
Irremediavelmente...
Para sempre.

Ruy Cinatti



PORTUGAL

O sorriso que perdi

Aquele sorriso de outrora
Sorriso de criança feliz
De jovem cheia de esperança
Adulta lutando por um mundo melhor

Sorriso de filha abençoada
De mãe adorada
De esposa amada
De avó idolatrada

Se alguém o tivesse achado
E lhe servisse o meu sorriso?
– Sentir-me-ia feliz –
Mas será que foi encontrado?
E será bem aproveitado
O sorriso que perdi?

Olho à minha volta
À procura do sorriso que perdi

- Onde está?
Onde está o sorriso que perdi?

Ah! Vem ali, vem ali
Naquela mãe que se aproxima
Com uma criança no regaço
E outra pendurada no seu braço

- Não, não é aquele o sorriso que perdi.

- Onde está o sorriso que perdi?

À porta de uma pobre casa
Com um olhar quase divino
Com um sorriso doce nos lábios
Uma mãe dá o peito ao pequenino

Será este o sorriso que perdi?

Mas quando olhámos de frente
A esperança desvaneceu-se de repente.

- Onde está o sorriso que perdi?

Ah! Está ali, está ali,
Naquela mãe que sorri
Mesmo quando o mundo desaba para si

- Não, não era aquele o sorriso que perdi

Eis alguém que passa e me pergunta
Onde é a rua da Felicidade número tal?
E eu que até sabia
Com o seu sorriso me distraía
Achando-o parecido ao que perdi...
....quase igual.

- Onde está o sorriso que perdi?

Ah! Já sei, está além, além

No solar dos meus antepassados
Procurei em vão o sorriso que perdi
Pedras toscas, silvas nos valados
Foi a resposta que recebi
Triste retrocedi
Sem ter encontrado o sorriso que perdi

Desesperei de o encontrar
Por mais que tenha andado
O sorriso, por mim, não foi encontrado

- Onde está o sorriso que perdi?

Será que como espiral de fumo
O sorriso se tinha desvanecido?

Olho o espelho de manhã
Que não reflete um sorriso
E parece dizer-me ao ouvido:
PROCURA-O DENTRO DE TI,
Procura-o dentro de ti.

Será que está aqui?
Aqui... aqui... à minha frente?

E olhando p'ra dentro de mim
Sorri... sorri contente
Era aquele o sorriso que perdi

Estava dentro de mim...
Dentro de mim encontrei,
encontrei o sorriso que perdi

Sorri. Sorri.

Celeste Cortez



PORTUGAL

O tempo

O tempo tem aspetos misteriosos:
Um ano passa a toda a velocidade,
E um minuto, se estamos ansiosos
Parece, às vezes, uma eternidade.

Um dia ou é veloz ou pachorrento
- depende do que está a acontecer -
O tempo de estudar, pode ser lento,
O tempo de brincar, passa a correr.

E aquela terrível arrelia
Que até te fez chorar, por ser tão má.
Deixa passar o tempo. Por magia,
Quando olhamos para trás, já lá não está.

Rosa Lobato de Faria



PORTUGAL

No comboio descendente

No comboio descendente
Vinha tudo à gargalhada,
Uns por verem rir os outros
E os outros sem ser por nada —
No comboio descendente
De Queluz à Cruz Quebrada...

No comboio descendente
Vinham todos à janela,
Uns calados para os outros
E os outros a dar-lhes trela —
No comboio descendente
Da Cruz Quebrada a Palmela...

No comboio descendente
Mas que grande reinação!
Uns dormindo, outros com sono,
E os outros nem sim nem não —
No comboio descendente
De Palmela a Portimão...

Fernando Pessoa



PORTUGAL

Eu bem vi nascer

Em bem vi nascer o Sol
duma maçã vermelhinha
nunca pensei que nascesse
de coisa tão pequenina.

Eu bem vi nascer o Sol
num canivete de prata
nunca pensei que nascesse
de coisinha tão barata.

Eu bem vi nascer o Sol
nas areias do Mondego
enganei-me: foi a Lua
que o Sol não nasce tão cedo.

Alice Vieira



PORTUGAL

As pequenas palavras

De todas as palavras escolhi água,
porque lágrima, chuva, porque mar
porque saliva, bátega, nascente
porque rio, porque sede, porque fonte.
De todas as palavras escolhi dar.

De todas as palavras escolhi flor
porque terra, papoila, cor, semente
porque rosa, recado, porque pele
porque pétala, pólen, porque vento.
De todas as palavras escolhi mel.

De todas as palavras escolhi voz
porque cantiga, riso, porque amor
porque partilha, boca, porque nós
porque segredo, água, mel e flor.

E porque poesia e porque adeus
de todas as palavras escolhi dor.

Rosa Lobato de Faria



PORTUGAL

Lembrando Inês

Em quem pensar, agora, senão em ti? Tu, que me esvaziaste de coisas incertas, e trouxeste a manhã da minha noite. É verdade que te podia dizer: «Como é mais fácil deixar que as coisas não mudem, sermos o que sempre fomos, mudarmos apenas dentro de nós próprios?» Mas ensinaste-me a sermos dois; e a ser contigo aquilo que sou, até sermos um apenas no amor que nos une, contra a solidão que nos divide. Mas é isto o amor: ver-te mesmo quando te não vejo, ouvir a tua voz que abre as fontes de todos os rios, mesmo esse que mal corria quando por ele passámos, subindo a margem em que descobri o sentido de irmos contra o tempo, para ganhar o tempo que o tempo nos rouba. Como gosto, meu amor, de chegar antes de ti para te ver chegar: com a surpresa dos teus cabelos, e o teu rosto de água fresca que eu bebo, com esta sede que não passa. Tu: a primavera luminosa da minha expectativa, a mais certa certeza de que gosto de ti, como gostas de mim, até ao fim do mundo que me deste.

Nuno Júdice



PORTUGAL

Uma perfeição de cão

Conheci um cão
Que falava
Que escutava
Que cantava
Que brincava
Que ladrava
Que fazia o pino
E que era um grande dançarino.

Que jogava à bola
Que perdia
Que ganhava
Que estudava
E que andava
Comigo na escola.

E que tal?
Era ou não
Uma perfeição de cão?

Não acreditam?
Fazem mal.
Era um cão
De imaginação.

Maria Cândida Mendonça



PORTUGAL

Sozinho

Poema dedicado aos sem abrigo

É difícil,
frio e implacável
Toda a manhã, dia e noite.
Muitos pensam que eu escolhi esta vida para mim...
Eles dizem que não há luta!

Por vezes, a fome realmente suga!
Mas eu tenho o meu orgulho...
Eu não vou implorar,
Por isso, no lixo devo ir mergulhar!

Eu assisto ao trânsito,
Pessoas ocupadas, vão e vêm.
Parece que não existo,
Ninguém para...
Só queria um olá!

Joel Daniel Gomes Barros



PORTUGAL

Faz de conta

Faz de conta que sou abelha.

– Eu serei a flor mais bela.

– Faz de conta que sou cardo.

– Eu serei somente orvalho.

– Faz de conta que sou potro.

– Eu serei sombra em agosto.

– Faz de conta que sou choupo.

– Eu serei pássaro louco, pássaro voando
e voando sobre ti vezes sem conta.

– Faz de conta, faz de conta.

Eugénio de Andrade



PORTUGAL

Ser poeta

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!

Florabela Espanca



PORTUGAL

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Fernando Pessoa



PORTUGAL

Noções de Linguística

Ouço os meus filhos a falar inglês
entre eles. Não os mais pequenos só
mas os maiores também e conversando
com os mais pequenos. Não nasceram cá,
todos cresceram tendo nos ouvidos
português. Mas em inglês conversam,
não apenas serão americanos: dissolveram-se,
dissolvem-se num mar que não é deles.
Venham falar-me dos mistérios da poesia,
das tradições de uma linguagem, de uma raça,
daquilo que se não diz com menos que a experiência
de um povo e de uma língua. Bestas.
As línguas, que duram séculos e mesmo sobrevivem
esquecidas noutras, morrem todos os dias
na gaguez daqueles que as herdaram:
e são tão imortais que meia dúzia de anos
as suprime da boca dissolvida
ao peso de outra raça, outra cultura.
Tão metafísicas, tão intraduzíveis,
que se derretem assim, não nos altos céus,
mas na caca quotidiana de outras

Jorge de Sena



PORTUGAL

O Ecumenismo Lusitano ou a Dupla Nacionalidade

Pela porta lateral da catedral em Colónia
(construída – é vero – para os ossos dos Reis Magos)
eu saía para o branco sol da manha de inverno,
quando um rumor de português subia
em negros hábitos a escada. Freiras
a quem falei sim brasileiras peregrinas
de pouso em pouso a Roma. Quando eu disse
que eu era brasileiro a madre cujo véu
rodeava um rosto emaciado e luso
disse: –Ah, naturalizado, não é brasileiro–.
O outro caso foi em Hamburgo na
Hauptbahnhof. O quiosque dos jornais
de todas as línguas. Chega uma mulher
morena –um traço dentro de opulentas peles– e pergunta
por jornais lusitanos em alemão razoável.
Era evidente que só um português dos tais desejaria
em Hamburgo informar-se assim do estado do universo.
É portuguesa? Sou. Palavra puxa palavra,
eu também era. Mas ela exclamou:
– Brasileiro naturalizado? Ah, não é português–
E voltou-me as costas com o periódico na mão,
equilibrando as pernas ainda de varina
dificilmente nos tacões finíssimos.

Jorge de Sena



PORTUGAL

Escada sem corrimão

É uma escada em caracol
e que não tem corrimão.
Vai a caminho do Sol
mas nunca passa do chão.

Os degraus, quanto mais altos,
mais estragados estão.
Nem sustos, nem sobressaltos
servem sequer de lição.

Quem tem medo não a sobe
Quem tem sonhos também não.
Há quem chegue a deitar fora
o lastro do coração.

Sobe-se numa corrida.
Correm-se p'rigos em vão.
Adivinhaste: é a vida
a escada sem corrimão.

David Mourão-Ferreira



PORTUGAL

Carta à minha filha

Lembras-te de dizer que a vida era uma fila?
Eras pequena e o cabelo mais claro,
mas os olhos iguais. Na metáfora dada
pela infância, perguntavas do espanto
da morte e do nascer, e de quem se seguia
e porque se seguia, ou da total ausência
de razão nessa cadeia em sonho de novelo.

Hoje, nesta noite tão quente rompendo-se
de junho, o teu cabelo claro mais escuro,
queria contar-te que a vida é também isso:
uma fila no espaço, uma fila no tempo
e que o teu tempo ao meu se seguirá.

Num estilo que gostava, esse de um homem
que um dia lembrou Goya numa carta a seus
filhos, queria dizer-te que a vida é também
isto: uma espingarda às vezes carregada
(como dizia uma mulher sozinha, mas grande
de jardim). Mostrar-te leite-creme, deixar-te
testamentos, falar-te de tigelas - é sempre
olhar-te amor. Mas é também desordenar-te à
vida, entrincheirar-te, e a mim, em fila
descontínua
de mentiras, em carinho de verso.

E o que queria dizer-te é dos nexos da vida,
de quem a habita para além do ar.
E que o respeito inteiro e infinito
não precisa de vir depois do amor.
Nem antes. Que as filas só são úteis
como formas de olhar, maneiras de ordenar
o nosso espanto, mas que é possível pontos
paralelos, espelhos e não janelas.

E que tudo está bem e é bom: fila ou
novelo, duas cabeças tais num corpo só,
ou um dragão sem fogo, ou unicórnio
ameaçando chamas muito vivas.
Como o cabelo claro que tinhas nessa altura
se transformou castanho, ainda claro,
e a metáfora feita pela infância
se revelou tão boa no poema. Se revela
tão útil para falar da vida, essa que,
sem tigelas, intactas ou partidas, continua
a ser boa, mesmo que em dissonância de
novelo.

Não sei que te dirão num futuro mais perto,
se quem assim habita os espaços das vidas
tem olhos de gigante ou chifres monstruosos.
Porque te amo, queria-te um antídoto
igual a elixir, que te fizesse grande
de repente, voando, como fada, sobre a fila.
Mas por te amar, não posso fazer isso,
e nesta noite quente a rasgar junho,
quero dizer-te da fila e do novelo
e das formas de amar todas diversas,
mas feitas de pequenos sons de espanto,
se o justo e o humano aí se abraçam.

A vida, minha filha, pode ser
de metáfora outra: uma língua de fogo;
uma camisa branca da cor do pesadelo.
Mas também esse bolbo que me deste,
e que agora floriu, passado um ano.
Porque houve terra, alguma água leve,
e uma varanda a libertar-lhe os passos.

Ana Luísa Amaral



PORTUGAL

Poema do Amigo Aprendiz

Quero ser o teu amigo.
Nem demais e nem de menos.
Nem tão longe e nem tão perto.
Na medida mais precisa que eu puder.
Mas amar-te sem medida e ficar na tua vida,
Da maneira mais discreta que eu souber.
Sem tirar-te a liberdade, sem jamais te sufocar.
Sem forçar tua vontade.
Sem falar, quando for hora de calar.
E sem calar, quando for hora de falar.
Nem ausente, nem presente por demais.
Simplesmente, calmamente, ser-te paz.
É bonito ser amigo, mas confesso: é tão difícil aprender!
E por isso eu te suplico paciência.
Vou encher este teu rosto de lembranças,
Dá-me tempo de acertar nossas distâncias.

PORTUGAL

Carta aos Meus Filhos sobre os Fuzilamentos de Goya

Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.
É possível, porque tudo é possível, que ele seja
aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo,
onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém
de nada haver que não seja simples e natural.
Um mundo em que tudo seja permitido,
conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso prazer,
o vosso respeito pelos outros, o respeito dos outros por vós.
E é possível que não seja isto, nem seja sequer isto
o que vos interesse para viver. Tudo é possível,
ainda quando lutemos, como devemos lutar,
por quanto nos pareça a liberdade e a justiça,
ou mais que qualquer delas uma fiel
dedicação à honra de estar vivo.
E, por isso, o mesmo mundo que criemos
nos cumpre tê-lo com cuidado, como coisa
que não é nossa, que nos é cedida
para a guardarmos respeitosamente
em memória do sangue que nos corre nas veias,
da nossa carne que foi outra, do amor que
outros não amaram porque lho roubaram.

Jorge de Sena



PORTUGAL

O mar dos meus olhos

Há mulheres que trazem o mar nos olhos

Não pela cor

Mas pela vastidão da alma

E trazem a poesia nos dedos e nos sorrisos

Ficam para além do tempo

Como se a maré nunca as levasse

Da praia onde foram felizes.

Há mulheres que trazem o mar nos olhos

Pela grandeza da imensidão da alma

Pelo infinito modo como abarcam as coisas e os Homens...

Há mulheres que são maré em noites de tardes

e calma.

Sophia de Mello Breyner Andresen



PORTUGAL

No entardecer dos dias de verão

No entardecer dos dias de verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa...
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria...
Ah, os sentidos, os doentes que vêem e ouvem!
Fôssemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão ...
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos ...
Mas graças a Deus que há imperfeição no Mundo
Porque a imperfeição é uma cousa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o Mundo engraçado.
Se não houvesse imperfeição, havia uma cousa a menos,
E deve haver muita cousa
Para termos muito que ver e ouvir ...

Alberto Caeiro



PORTUGAL

Canção de embalar bonequinhos pobres

Menina dos olhos doces
Adormece ao meu cantar:
Tenho menina de trapos,
Tenho uma voz de luar...

Os meus braços são da lua,
Quando ela é quarto crescente:
Dorme menina de trapos,
Meu pedacinho de gente.

Dorme minha filha triste,
Meu farrapo de menina,
Dorme, porque eu sou a nuvem
que te serve de cortina.

Matilde Rosa Araújo



PORTUGAL

O amor, quando se revela

O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra *ela*,
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há-de dizer.
Fala: parece que mente...
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se *ela* adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
P'ra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...

Fernando Pessoa

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

A Lenda da Bruxa

San Malanzo era velha, muito velha

San Malanzo era pobre, muito pobre.

Não tinha filhos, não tinha netos

Não tinha sobrinhos, não tinha afilhados

Nem primos tinha e nem enteados

Ela era muito pobre e muito velha

Muito velha e muito pobre era.

Era velha, era pobre San Malanzo

Pobre e muito velha

Velha e muito pobre

Era velha e pobre

Era pobre e velha

Velha pobre

Pobre Velha

Velha

Pobre

Feiticeira

Conceição Lima

TIMOR LESTE

Meninos e meninas

Todos já vimos nos livros,
nos jornais, no cinema e na televisão
retratos de meninas e meninos
a defender a liberdade de armas na mão.

Todos já vimos
nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
retratos de cadáveres de meninos e meninas
que morreram a defender a liberdade de armas na mão.

Todos já vimos!
E então?

Fernando Sylvan



II - MÚSICA pelo ensemble da LUSO ACADEMY

Repertório musical

- Agora é tarde – D.A.M.A.
- Eu sei – Papas na Língua
- Sodade – Cesária Évora
- O melhor de mim – Mariza

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Regina dos Santos Duarte

Compilação dos textos: Márcia Fortuna

**Colaboração: Ana Figueiredo, Ana Fonseca, Ana Rocha, Cândida Santos,
Cristina Oliveira, Carlos Xastre, Fátima Marques, Fernanda Shepherd,
Helena Ferreira, Isabel Galucho, José Gomes, Márcia Fortuna, Olga Barradas,
Paula Vila Gova, Pedro Marques, Vanda Araújo**

Música: Luso Academy

Design: Nuno Silva

**Coordenação do Ensino
Português no Reino Unido
e Ilhas do Canal**
Ministério dos Negócios Estrangeiros

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS